



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O TEMPO FAZ O MOVIMENTO E O MOVIMENTO FAZ O TEMPO: QUANDO O CONTEÚDO SE PRECIPITA ATRAVÉS DA NARRATIVA

Elica Luiza Paiva*
(UFBA)

RESUMO

Este artigo utiliza como pano de fundo o livro Longitude de Dava Sobel para fazer uma breve discussão sobre como o tempo e o movimento são trabalhados nesta literatura. A partir deste recorte aborda como o conteúdo e a forma podem ser observados a partir da construção desta narrativa. A narrativa, nesta perspectiva, torna-se uma possibilidade para o receptor/sujeito experimentar novas realidades, que chamei de realidade virtual, na qual vivem as personagens, e a partir desta experiência estética (re) pensar ou modificar a sua realidade concreta. A partir deste pressuposto, a formação do sujeito acontece quando a narrativa literária possibilita a experiência e a experiência possibilita a ampliação da esfera do Ser.

PALAVRAS-CHAVES: formação, experiência, narrativa literária.

INTRODUÇÃO

O tempo é para o relógio o que a mente é para o cérebro. O relógio, de alguma forma, contém o tempo. Ainda assim, o tempo se recusa a ser aprisionado como um gênio enfiado numa lâmpada. Quer flua como areia ou gire sobre rodas dentro de rodas, o tempo foge irrecuperável, enquanto estamos mesmo a observá-lo. Ainda

* Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - Faced/Ufba - na Linha de Pesquisa Currículo (in) Formação e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

quando as ampolas das ampulhetas se partem, quando a escuridão retém a sombra do relógio de sol, quando os ventos sopram tão forte que os ponteiros do relógio parecem parados, o tempo continua a passar. O máximo que podemos esperar de um relógio é que registre esse progresso. E como o tempo estabelece seu próprio compasso, como uma batida de coração ou uma maré vazante, os mecanismos para registrar o tempo, na verdade, nunca o dominam. Apenas o acompanham, se puderem. (SOBEL, 2008, p. 33).

O tempo e o movimento são duas palavras que me encantam, pois me parece que uma só existe em detrimento da outra, assim como as palavras forma e conteúdo. Não consigo pensar na existência/significado do tempo sem o acompanhar do significado/existência do movimento e vice-versa. Esta relação pode ser também visualizada quando se fala de forma e conteúdo.

Como minha infância foi toda vivenciada na roça lembro-me que o tempo sempre fora um fenômeno respeitado por meus pais, avós, bisavós, todos caipiras do interior do estado de São Paulo. Mas não o tempo cronometrado pelo relógio, este que John Harrison inventou e hoje temos acesso, mas o tempo da natureza. Aquele que nos avisa que o dia começa quando os primeiros raios do sol cintilam no horizonte, ou que nos dá indícios que o outono está chegando quando as folhas começam a secar e a voar com o vento. O **tempo** da natureza é percebido, pelo caipira, através do **movimento** do sol, dos ventos, das nuvens, chuvas e das fases da lua – que para ele informam o dia (tempo) de plantar as sementes. E o caipira só se movimenta de acordo com o tempo da natureza. Claro que hoje em dia, qualquer caipira pode economizar e comprar um relógio. Contudo, ainda assim para ele que vive da terra, é necessário respeitar/observar atentamente o movimento do tempo natural e só então agir. A terra/natureza tem um relógio próprio e um compasso que nenhum caipira sabido destoa. “E como o tempo estabelece seu próprio compasso, como uma batida de coração ou uma maré vazante, os mecanismos para



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

registrar o tempo, na verdade, nunca o dominam. Apenas o acompanham, se puderem” (SOBEL, 2008, p. 33), trecho da citação já mencionada anteriormente. O tempo do relógio não é crucial ao caipira, no seu habitat. Entretanto, quando este vai para a cidade – um espaço onde falta tempo – ele se serve do relógio para se situar no tempo-espaço urbano.

Tempo – palavra polissêmica que sugere aos leitores do livro *Longitude* (SOBEL, 2008) um precipitar de lembranças (historicidade) das descrições feitas pelo narrador das viagens marítimas, a perseverança do relojoeiro inglês e o trabalho dos cientistas que povoam a narrativa, numa tentativa de decifrar um dos maiores desafios científicos da humanidade: estabelecer a longitude em auto mar. Nesta perspectiva é possível imaginar que o tempo – aquele, componente da natureza que permeia livremente todos os espaços - seria o tema. O processo de construção de um relógio que conseguisse cronometrar o tempo, tanto em terra firme quanto no mar e que assim possibilitasse encontrar a *Longitude* seria a teorização do assunto (como calcular o trajeto das embarcações) a ser tratado e discutido pelos personagens da narrativa. Já as significações possibilitadas pela narrativa literária (forma) comporiam o conteúdo por meio do trajeto da construção dos personagens.

A personagem constitui um elemento estrutural indispensável da narrativa romanesca [ou de outro tipo de narrativa]. Sem personagem, não existe verdadeiramente narrativa, pois a função e o significado das ações ocorrentes numa sintagmática narrativa dependem primordialmente da atribuição ou referência dessas ações a uma personagem ou agente. (AGUIAR E SILVA, 1974, p. 24).

Observa-se então, que é através da construção dos personagens que se dá o processo de desencadeamento do enredo, pois são as causas decorrentes das ações destes personagens, descritas pela narração, que caracterizam o enredo. Muir

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

esclarece esta questão citando E. M. Forster, “definiríamos a estória como uma narrativa de acontecimentos dispostos em uma seqüência no tempo. Um enredo é também uma narrativa, cuja ênfase recai sobre a causalidade” (FOSTER apud MUIR, s/d, p. XI).

Segundo Antônio Candido, “geralmente, da leitura de um romance [ou uma narrativa de outro gênero] fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos” (CANDIDO, 1995, p. 53). O autor ainda comenta que é praticamente impossível pensar o enredo separadamente dos personagens e vice-versa, pois quando se leva em conta a vida que levam, os problemas que se desenrolam no decorrer da narrativa, também se considera a linha do seu destino, traçadas num espaço e em um tempo determinados dentro do contexto da narrativa. Sendo assim, pode-se pensar que “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dela, os significados e valores que o animam”. (CANDIDO, 1995, p. 53-54).

Assim, os temas e os assuntos são diluídos no processo de construção das personagens como integrantes do espaço-tempo da narrativa (forma) e podem vir a se tornar conteúdo por meio da “potencialidade emancipatória que a obra confere ao leitor [ou seja], um papel ativo, e à literatura uma importância social que ultrapassa o papel reprodutor, atribuído a ela pelos enfoques marxistas e/ ou da sociologia da literatura.” (FLORY, 2002, p. 4-5).

A partir destes pressupostos pode-se dizer que é na construção dos personagens enquanto componentes da narrativa, que o narrador dá a possibilidade ao leitor de se comunicar com a obra/texto. Se considerar a experiência estética a que se refere Jauss, que a divide em três atividades simultâneas e complementares - a poiesis, a aisthesis e a katharsis - pode-se



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

afirmar que esta teoria se encaixa nos pressupostos da construção da narrativa. Jauss contextualiza da seguinte maneira:

A arte tem uma função comunicacional, pois o leitor participa da construção do texto, à medida que ocupa os espaços vazios deixados pelo autor. A poiesis corresponde ao prazer de se sentir co-autor da obra. Ao realizar esta tarefa que lhe é destinada, o leitor usufrui do prazer estético da poiesis. (JAUSS apud FLORY, 2002, p. 5).

É possível então, verificar que a poiesis é atuante na estrutura textual, já que o leitor é tentado a se transportar para a realidade virtual ao mergulhar na história e com os personagens. O enredo da trama pode provocar ainda no leitor/receptor uma espécie de estranhamento tanto no contexto social em que os personagens estão incluídos quanto na própria linguagem e diálogo entre eles, este é o processo que pode ser denominado como aisthesis, pois “[...] compreende a recepção prazerosa do objeto estético que, através do processo de estranhamento, gera possibilidade de renovar a sua percepção tanto da realidade externa, quanto da interna” (JAUSS apud FLORY, 2002, p. 5). A terceira categoria da experiência estética a qual proporciona ao leitor/receptor identificar-se com as situações vividas pelos personagens é denominada por Jauss como katharsis que “corresponde tanto à tarefa prática das artes como função social, servir de mediadora, inauguradora e legitimadora de normas de ação... quanto à determinação ideal de toda arte autônoma [...]” (IDEM). Acredito que a Katharsis é o objetivo maior do autor textual, pois o que se busca na construção do texto e dos personagens é possibilitar ao receptor experienciar novas ideias, novos mundos, se purificar.

Ao escrever sobre a criação de um personagem, Syd Field afirma que “a vida consiste de ação” (FIELD, 2001, p. 45). No caso da narrativa não é diferente. Aguiar

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

e Silva argumenta que é por meio do retrato descritivo, feito pelo narrador, acerca do personagem, que o caracteriza como um ser fictício com seu estado físico e psicológico-moral, o qual geralmente é completado quando o narrador apresenta ao leitor a sua história genealógica, que ele “ganha” vida e pode vivenciar as ações narradas.

Me parece que é neste vai e vem (movimento) que as grandes narrativas desde os primórdios relatam o movimento e as memórias do homem no decorrer de espaços de/e tempos determinados. Nas narrativas as realidades são (re) criadas, inventadas, transformadas, acrescentadas, modificadas nas itinerâncias de cada ser, individualmente/coletivamente, que pode possibilitar ao leitor a conceber estas novas realidades por meio das suas percepções e consciência de mundo, ou ainda, talvez este leitor possa optar por encontrá-las através do movimento do querer: “ou você se mexe e não está mais inteiro, ou está inteiro e não pode se mexer” (BARBERY, 2008, p. 39-40).

Pressupõe-se então que as narrativas (formas) possibilitam ao receptor um experienciar do conteúdo através da narração das histórias de vida das personagens e da descrição dos demais elementos que compõem o espaço-tempo narrados. As inferências que o receptor faz – de forma imaginária - numa transposição de limites entre a realidade virtual (da personagem) e a sua realidade concreta, num exercício que possibilita a ampliação da esfera de sua percepção, pode auxiliá-lo a tomar consciência das suas experiências e das experiências narradas através da história de vida dos personagens. O termo realidade virtual é utilizado aqui na concepção de Lévy (1996) para falar da representação da realidade concreta

na narrativa ficcional, que não necessariamente possibilita a interação do receptor/sujeito como um agente modificador desta narrativa, num processo de interação entre homem e interface, mas como uma realidade que permite uma

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

interação/atualização imaginária/virtual entre a narrativa ficcional e seus personagens com o imaginário do receptor/sujeito – possibilitando a transformação da sua realidade concreta. Já o termo realidade concreta para falar de uma (con) vivência do (s) receptor/sujeito (s) em um espaço-tempo real, com outros sujeitos/indivíduos reais, na concepção de realidade que cada sujeito/indivíduo tem a partir da interação, compreensão e interpretação do/com o meio real, ao qual ele pertence.

Gérard Genette relata que ao “permanecer no domínio da expressão literária, definir-se-á sem dificuldade a narrativa como a representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem, [...]” (GENETTE apud DEFINA, 1975, p. 38). A narrativa (récit) seria então o significante e o enunciado e a história (ou diegese), o significado do conteúdo narrativo. Já a narração, o teórico descreve como “o ato narrativo produtor e, por extensão, o conjunto da situação real ou fictícia na qual se situa” (IDEM). Assim, narração e descrição no sentido literário caminham – na maioria das vezes – juntas. Contudo, elas têm diferenças de conteúdo. Enquanto a narração prende-se a ações e acontecimentos num processo que se desenvolve tanto no aspecto temporal como no dramático da narrativa, a descrição – ao contrário – uma vez que se demora sobre objetos, ambientes, lembranças, personagens em sua simultaneidade, e encara os processos como espetáculos, parece suspender o curso do tempo contribuindo para espalhar a narrativa no espaço textual. Portanto, a representação dos acontecimentos da história é feita por um narrador.

Trazendo para a formação em exercício de professores, é possível imaginar que o experienciar exige este **parar** da descrição literária para que as experiências (num jogo de palavras/linguagens) sejam vivenciadas interiormente por estes sujeitos reais em processo de construção de significados – o Ser sendo. Nesta fusão entre realidade concreta e realidade virtual propiciada pelo inventar - criar - da

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

ficção, é passível se pensar que não há como não perceber que este movimento de vai e vem que permeia estas realidades é necessário ao processo de formação do Ser (sujeito), habitante de uma realidade concreta.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, não o que acontece, ou o que toca... implica **parar** para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, demorar-se no detalhe, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade... cultivar a atenção, falar sobre o que nos acontece, escutar os outros, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço... o sujeito da experiência se define pela sua disponibilidade, por sua abertura... A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente... É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à experiência da transformação... O saber da experiência se dá na relação entre conhecimento e a vida humana... se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou o sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um Ser individual ou coletivo... A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos da nossa própria vida... a experiência é irrepetível. (LARROSA, 2009, p. 20-26 apud MACEDO, 2010, p. 165-166).

Os acontecimentos narrados numa história tomam do todo os seus significados. Porém, o todo narrado é algo que se constrói a partir das partes escolhidas e essa relação entre a narrativa e o que nela se revela faz com que suscite interpretações e não explicações – não é o que explica que conta, mas o que a partir dela se pode interpretar. Assim, os vazios do texto da narrativa ficcional, ao serem utilizados na práxis pedagógica, podem contribuir para este insight interpretativo do sujeito, que vai tomar do todo o seu conteúdo através da forma lúdica de se apresentar a historicidade dos acontecimentos, possíveis por meio da construção dos personagens que compõem o enredo da narrativa.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O tempo e o movimento, o enredo e a personagem, a forma e o conteúdo. Todos são indissociáveis. Estão implicados um no outro. Um só existe para o outro e pelo outro. E o todo que através desta implicação se revela será o conteúdo? Acredito que sim. O conteúdo vai além do assunto e do tema. O conteúdo contém além da teoria, as experiências e a percepção do autor/narrador/professor e estas só se precipitam a partir de um repertório prévio, o qual talvez possibilite o emergir da criatividade na práxis pedagógica: o (re) significar das experiências.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel. **A Estrutura do Romance**. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.
- BARBERY, Muriel. **A Elegância do Ouriço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CANDIDO, Antônio (Org.). **A Personagem de Ficção**. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- DEFINA, Gilberto. Teoria e Prática de Análise Literária: síntese de princípios de análise literária aplicados ao romance Grande **Sertão: Veredas**, de João Guimarães Rosa. São Paulo: Pioneira, 1975.
- FIELD, Syd. **Os Exercícios do Roteirista**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- FLORY, Suely F. V. Entre textos e código, uma leitura da abertura de Os Maias: do romance à minissérie. **Comunicação & Veredas**, São Paulo: Editora Unimar, v.1, p. 64-79, 2002.
- LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996. Tradução de Paulo Neves.
- MUIR, Edwin. **A Estrutura do Romance**. 1 ed. Rio de Janeiro: Globo, s/d.
- SOBEL, Dava. **Longitude: a verdadeira história do gênio solitário que resolveu o maior problema científico do século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.